

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO EM AS HORAS NUAS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

JULIANA TOAZZA GROSSI¹; JOÃO LUIS OURIQUE²

¹ Universidade Federal de Pelotas – juli.grossi@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - jfourique@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na obra *As Horas Nuas*, publicada em 1989, Lygia Fagundes Telles traz ao centro da narrativa a personagem Rosa Ambrósio. Rosa, que é protagonista da obra, configura-se por ser uma atriz de teatro de classe social privilegiada que vê sua carreira declinar em relação direta com o envelhecimento do corpo estético que os palcos demandam. Frustrada e solitária, Rosa Ambrósio entrega-se ao alcoolismo e isola-se do meio social, pois acredita que não pode se ajustar aos padrões que a sociedade exige principalmente às mulheres nos anos 80 - época marcada pela abertura política pós-ditatorial que importou padrões de comportamento e consumo e visou padronizar os corpos e comportamentos sociais. Com a aceleração do ritmo de vida nas grandes cidades, aliada à concepção capitalista de produção e consumo intenso, o corpo apresenta-se como uma esfera política e econômica, onde até mesmo a sexualidade dos indivíduos é moldada para que estes se aproximem ideologicamente do sistema ao qual estão submetidos, como atenta MURARO (1983).

Ao relacionar o declínio da carreira com a impotência frente ao envelhecimento, Rosa Ambrósio traz a percepção do corpo como espaço social e não só biológico, onde os vários discursos sociais, políticos e culturais moldam o padrão do corpo ideal e criam um universo extremamente repressivo para os que desviam da norma estabelecida. Considerando que o modo de representação do corpo feminino na ficção de Lygia Fagundes Telles remete a aspectos ideológicos que configuram a sociedade brasileira do último quarto do século XX, procuramos analisar as intersecções entre o social e a produção estético-literária com base na reflexão crítica proposta por autores como Candido (2010), Priore (2011), Xavier (2007), entre outros.

2. METODOLOGIA

Partindo de uma crítica literária amparada pelo viés sociológico, percebemos que as composições ficcionais da literatura e, assim, o modo de narrar, é condicionado pela história e pelos processos sociais. Ao compor a personagem Rosa Ambrósio como uma mulher burguesa na faixa dos 60 anos, a autora de *As Horas Nuas* (1999) remete-nos ao universo social que permite que tal personagem seja construída em relação ao meio sócio-político e de que modo a percepção do corpo individual une-se à ideologia vigente.

É interessante perceber que após a Revolução Sexual ocorrida entre as décadas de 60 e 70, a mulher foi beneficiada pelo “direito ao prazer”, que paradoxalmente instituiu também a obrigação ao prazer, sendo ele uma nova categoria normativa em relação ao corpo – o corpo que não goza é desviante. Ao

mesmo tempo, com o avanço da industrialização no Brasil, a mulher foi chamada ao trabalho industrial que uniu o corpo feminino ao corpo da massa proletária, antes predominantemente masculina. O corpo valorizado era aquele capaz de gerar mais produtos manufaturados; o corpo aliado à produção capitalista. A essa massa de indivíduos que se submete ao trabalho desumanizante das fábricas e é motor da economia, opõe-se o corpo da mulher burguesa, essencialmente estético.

Desse modo, norteados pelas reflexões propostas por MURARO (1983) e PRIORE (2011) relacionaremos como se configura o controle do corpo feminino burguês e envelhecido e de que forma esse corpo apresenta-se como peça fundamental do sistema, onde o consumo de produtos estéticos que prometem à mulher a manutenção da juventude e o acesso ao prazer é internalizado via ideologia e controla os corpos, como nos diz MURARO (1983):

O controle como o vemos é um grau mais sofisticado do poder sobre o corpo do que a repressão e, também, muito mais eficaz. Porque a repressão supõe que a pessoa a negue, se revolte, é um fator da postura crítica. Quanto ao controle, que produz prazer, supõe que a pessoa goste de estar dentro dos padrões em que está controlada. O controle, como vemos, é destruidor da posição crítica. [...] O controle novo implica uma expressão corporal, uma libertação mais profunda da culpa em relação ao corpo. Antes, cuidar do corpo era um sinal de egoísmo. Era considerado pecado. Agora não é mais. É uma obrigação. (MURARO, 1983 –p.77)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *As Horas Nuas* (1999), a personagem Rosa Ambrósio, de cerca de 60 anos, relaciona a decadência da sua vida profissional no teatro com a decadência do corpo, para ela não há possibilidade de trabalho para o corpo envelhecido. Essa percepção do corpo está intimamente relacionada ao sistema capitalista e ao consumismo, já que, para eles o corpo envelhecido não tem mais utilidade como meio de produção - trata-se de um corpo anacrônico. Cabe à mulher, sobretudo à burguesa, cuidar de si através dos produtos de consumo que tem acesso: estar uma aparência jovial e cuidar da saúde não só são benefícios dessa mulher, mas paradoxalmente uma forma de controle em relação ao corpo feminino, já bastante repleto ao longo da história. Percebemos a evidente frustração de Rosa Ambrósio em não conseguir se adequar aos padrões que exigem um corpo sempre jovem no trecho abaixo:

E a outra quer que me vista, me enfeite, mas por que enfeitar esse corpo que agora detesto? Nem é detestação, mas desprezo, o traidor. Quero ser cremada, hem?! Que não me vejam desprevenida, exposta, Merci, filhinha amada, mas recolha suas organzas, quero a cinza. [...] Sei que o corpo é do Diabo porque foi depois que rompi com meu corpo que me aproximei de Deus. (TELLES, 1999 –p.55)

XAVIER (2007) apresenta uma tipologia dos corpos femininos presentes na literatura brasileira, relacionando o corpo da mulher ao meio social, em um estudo essencialmente sociológico, Dentre as categorias que a autora apresenta, temos o “corpo envelhecido”, no qual a personagem de *As Horas Nuas* (1999), se insere, sendo o seu corpo um espaço de inscrição dos discursos político, social, cultural e também econômico. Ao perceber as marcas do tempo e degradação física inscritas

em seu corpo, Rosa Ambrósio rejeita a si mesma, configurando-se como uma personagem que representa o anacronismo da velhice e sua corporeidade na atualidade. Em oposição a essa rejeição a degradação do corpo jovem, ela passa a ser peça fundamental da ideologia capitalista, na qual o consumo de produtos, nesse caso estéticos, apresenta-se como primordial para a economia. Percebemos essa relação no trecho abaixo:

Levantou a cabeça e com as mãos curvas, contornou os seios, tem seios de jovem, redondos. Firmes. Mas não está satisfeita, deviam ser mais altos. Assim?... , experimentou ao levantar nas pontas dos dedos os bicos rosados. Irritou-se com o espelho que ousou fazer a exigência. Mas assim só com vinte anos! Fez careta enquanto abria o armário espelhado. Da prateleira mais alta tirou a sacola de estampado vermelho-branco representando uma poética caçada. Desenfurnou os petrechos que já conheço e foi alinhando um por um no mármore da pia, a bisnaga da tintura de cabelo. O frasco de água oxigenada cremosa. A escova de cabo longo e fibras enegrecidas. (TELLES, 1999 –p.33)

Como vimos, na sociedade do consumo, o corpo envelhecido, sobretudo o feminino sofre um forte controle no que tange sua estética e vitalidade. Ao longo da história, o corpo da mulher associou-se à beleza e ao erotismo, assim manter-se jovem é uma prerrogativa social que submete esses corpos ao signo da beleza e prazer desmedidos. Ao não conseguir se enquadrar nessa representação, a protagonista de *As Horas Nuas* apresenta-se como representativa de um sistema que reprime o envelhecimento, principalmente ao relacioná-lo com a deterioração da força de trabalho, essencial para a manutenção do sistema capitalista.

4. CONCLUSÕES

Percebemos, assim, que a partir da análise sobre a representação do corpo feminino em *As Horas Nuas*, de Lygia Fagundes Telles, podemos verificar quais processos sociais proporcionam a construção desses corpos e de que modo os vários discursos presentes na sociedade permitem a manutenção do controle dos mesmos. O corpo da mulher é condicionado pelo meio social, cultural e econômico na qual está inserido, configurando-se como um corpo não só biológico, mas, sobretudo, político.

O controle sobre o corpo feminino mascara-se pelo viés positivo do “cuidar de si”, o controle pelo prazer. Dessa forma, podemos pensar através de Rosa Ambrósio o impacto que os discursos provocam no corpo, principalmente no corpo envelhecido feminino, em oposição a uma sociedade acelerada, jovem e sempre renovada: um corpo oprimido e inferiorizado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Vol. I e II São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

- BOSI, A. **Ideologia e contraideologia**: temas e variações. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 11ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- MURARO, R.M. **Sexualidade da Mulher Brasileira**: Corpo e Classe Social no Brasil. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1983.
- RICHARD, N. **Intervenções Críticas**: Arte, Cultura, Gênero e Política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- PRIORE, M.D. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2001.
- PRIORE, M.D. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- TELLES, L.F. **As Horas Nuas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- XAVIER, E. **Declínio do patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.
- XAVIER, E. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.
- XAVIER, E. **Tudo no feminino**: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: 1991.